

A Matriz de Valores na Feitura de Exposições

Patricio Del Real

Historiador da arquitetura e se dedica à arquitetura moderna e suas conexões transnacionais com foco nas Américas. Ele é professor associado de História da Arte e Arquitetura na Universidade de Harvard.

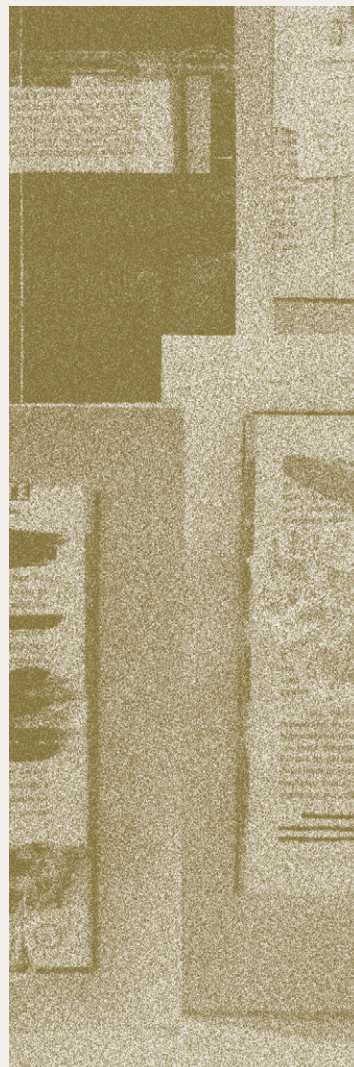
Traduzido por

Junia Mortimer

Docente do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG e professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Coordenadora do Grupo LEIA.

Técio Martins

Arquiteto e urbanista, doutorando no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA e membro do LEIA.



“Vocês criaram uma cidade”, comentou um guarda do museu enquanto passeava pela seção principal da exposição. O comentário me pegou desprevenido. Estávamos prestes a abrir a exposição *Latin America in Construction: Architecture 1955–1980* no Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York e eu estava imerso nos detalhes finais. O comentário do guarda me fez parar e pensar no que havíamos feito no maior espaço da galeria de exposições especiais do MoMA. “Sim, de fato, criamos uma cidade”, concordei com uma risada nervosa. Se as exposições, como nos lembra o crítico de arte Boris Groys, são espaços narrativos, que histórias aquela “cidade” contava? Além disso, considerando se tratar de uma exposição histórica, será que essas histórias ainda são relevantes?

Começo com essa anedota porque a prática curatorial é um tipo de trabalho duplo relacional no qual as exigências e os processos específicos de pesquisa e criação de exposições estão em constante diálogo – o proverbial “dois lados da mesma moeda”. Isso condiciona a forma como se entende o arquivo. Em 2015, montamos um arquivo para provar que o arquivo de arquitetura tradicional está potencialmente repleto de histórias não contadas.

O guarda comentou sobre o número e a forma como dispomos os trabalhos expostos. Apresentamos uma constelação de desenhos originais: croquis à mão livre, desenhos técnicos e de apresentação, fotografias e maquetes, publicações, panfletos e filmes; em suma, uma variedade caleidoscópica de materiais produzidos durante o período estudado – e algumas novas maquetes e fotografias encomendados especificamente para a exposição. Isso transformou o problema da pesquisa na busca por materiais originais a serem encontrados e transportados para o espaço da exposição. Hoje, a apresentação de objetos originais se tornou a norma. Além da logística que essa operação

de pesquisa implica – pelo que nem todo museu ou galeria pode pagar –, a presença de materiais originais revela uma matriz geradora de valores gerenciada, em nosso caso, por um museu de arte. O material que apresentamos evidenciou que a “arquitetura” era e continua sendo muito mais do que apenas edifícios. Por outro lado, também deixou evidente que a arquitetura entra no museu de arte não somente como um objeto estético. As oscilações e tensões entre o social e o estético tornam a curadoria de arquitetura uma prática rica e exigente.

Na galeria principal, dispomos o trabalho de forma não linear. O objetivo era contar as histórias da arquitetura moderna na América Latina. Apresentamos uma simultaneidade de camadas que lembrava os encontros urbanos. Era um grande conjunto de diferentes objetos com pontos focais ou grupos temáticos fundamentados em obras canônicas que apontavam para leituras formalistas tradicionais, hoje em crise. Esses grupos foram atravessados por vistas diagonais que tinham por objetivo conectar obras menos conhecidas e estabelecer sobreposições relacionais. A interpretação formal continua a ser uma força geradora que nos ajuda a romper os silêncios dos arquivos.

Os trabalhos apresentados forneceram histórias de arquitetura contadas por meio de materiais produzidos por arquitetos. Isso pode ter fortalecido a aura do arquiteto e limitado as histórias do ambiente construído. Recusamos a fetichização do chamado “informal” – as favelas, as vilas, os bairros marginais etc. – que indiscutivelmente moldam grande parte, se não a maior parte, do ambiente urbano da América Latina. Essas “formas” não estavam ausentes e faziam parte da matriz de valores que sustentava a exposição. A moradia informal era uma das principais preocupações dos arquitetos e estava muito presente na exposição, em trabalhos que destacam a relevância social das respostas arquitetônicas à questão da moradia durante o período. Um ponto que hoje, com a crise generalizada dos sem-teto, é bom lembrarmos.

A exposição deixou evidente o extrativismo cultural que fundamenta a virada global da pesquisa arquitetônica e da feitura de exposições. Como a exposição de 2015 também foi um meio para o crescimento da coleção do MoMA, com a aquisição de novos materiais, fomos criticados por dar continuidade a essas ações. As críticas são importantes porque revelam a matriz de valores, as dificuldades e a falta de vontade das instituições culturais em estabelecer abordagens alternativas. Revela também uma cultura arquitetônica relativamente fragilizada que precisa ser localmente fortalecida. Essa é uma tarefa adicional da pesquisa e o motivo pelo qual as exposições de arquitetura que se dirigem ao público em geral são tão necessárias.

A exposição esmiuçou respostas assertivas que a arquitetura moderna legou à modernidade. O tempo também fazia parte da matriz de valores gerenciados. A exposição contou histórias arquitetônicas de um futuro passado, em um momento – 2015 – de triunfalismo neoliberal. Aqui reside sua relevância. A exposição falava de sonhos e desejos patrocinados pelo Estado. Essa não era uma história com final feliz; mostrava uma convergência de ditaduras de direita e de esquerda, sobrepostas em utopias arquitetônicas desenvolvimentistas. Como curadores, tivemos o cuidado de não sobredeterminar os relatos políticos – a maneira preferida de consumir a “América Latina” nos Estados Unidos – e liberar essa arquitetura do domínio, por vezes sufocante, da história política.

Como o título da exposição deixou claro, a ênfase estava em uma categoria construída com base em uma diversidade de expressões formais e não em uma categoria essencialista. As obras reunidas, enraizadas no modernismo, fizeram com que a Arquitetura Moderna falasse não de uma “Arquitetura Latino-Americana”, uma categoria homogeneizadora criada pelo MoMA em 1955, mas sim de uma comunidade arquitetônica latino-americana trabalhando em prol de possíveis Américas Latinas. Cabe a nós, como pesquisadores e curadores, recuperar a matriz de valores presente no arquivo e acionar os possíveis futuros enterrados no passado.

COMO CITAR

DEL REAL, Patricio. A Matriz de Valores na Feitura de Exposições. Traduzido por Junia Mortimer e Técio Martins. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 12, p. 122-125, 2025.